

ENTRE O CAOS E O COMPLEXO: CRÍTICA À CONFUSÃO EPISTEMOLÓGICA SOBRE O USO PÓS-MODERNO DA CATEGORIA DE CAOS NA SOCIOLOGIA

Rodrigo Moreira Vieira¹

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma reflexão crítica acerca do modo como a categoria teórica de caos e suas supostas implicações como fragmentação e descontinuidade são apropriadas pelos seguintes autores pós-modernos: Michel Maffesoli, Edgar Morin, Jean Baudrillard, François Lyotard e Jair Ferreira dos Santos. De maneira geral, o trabalho se concentrará na análise de três pontos utilizados pelo autores pós-modernos para sustentar a ideia de caos na sociedade ocidental atual: 1) a psicologização do social; 2) a transposição de teorias da física para a sociologia; 3) o como conteúdos semióticos são apropriados de modo afirmar que o simbólico se tornou o elemento central na constituição do social em detrimento da materialidade.

Palavras-chave: Pós modernidade. Caos. Dialética. Sociologia. Epistemologia.

ABSTRACT

This job é resulted from a critic reflection about the way how the chaos category and its suppose implications as fragmentation and discontinuity are appropriated by the follow pos modern thinkers: Michel Maffesoli, Edgar Morin, Jean Baudrillard, François Lyotard e Jair Ferreira dos Santos. Generally, the job will be concentrated on the analysis of three points utilized by the pos modern authors to sustain the chaos idea in the current occidental society: 1) the psychologization of social; 2) the transposition of physics theory to sociology; 3) how the semiotic contents were appropriated to affirm that the symbolic has belonged central in the social constitution at the expense of economic.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP - campus de Marília. Mestre pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais pela Unesp - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - campus de Marília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008).

the symbolic has belonged central in the social constitution at the expense of economic.

Keywords: Pos modernity. Chaos. Dialectics. Sociology. Epistemology.

INTRODUÇÃO E DEMARCAÇÕES

A reflexão e o debate que tem como objeto a pós modernidade não geriu interpretações uníssonas. Portanto, o primeiro passo importante é localizar os limites onde este trabalho se concentrará. Para tanto, é necessário esclarecer em linhas gerais alguns aspectos de como a chamada pós modernidade é interpretada quanto a sua relação (ou não relação) com a chamada modernidade e, logo em seguida, apontar em qual dessas vertentes os autores selecionados anteriormente se enquadram e, a partir disto, demarcar onde esta reflexão será mais precisamente dirigida num debate com os autores pós-modernos supracitados e algumas implicações epistemológicas do uso da categoria de caos por estes na análise do pensamento referencial do ocidente contemporâneo.

Dentre as interpretações acerca do que é pós modernidade, podem ser destacadas três delas. a) a primeira é a de que a pós modernidade é um momento que sucede à modernidade seguindo uma orientação de Lipovetsky (2004) em “superar a temática pós-moderna e reconceitualizar a organização temporal que se apresenta” indicando o uso da categoria de hipermodernidade, pois esta seria caracterizada por uma nova fase da modernidade; b) a segunda interpreta que a pós modernidade rompe totalmente com os pressupostos e quadros referenciais modernos; c) a terceira via é a de que o problema não é a modernidade e, sim, certos projetos de modernização. Dentre os defensores desta última perspectiva temos Lee (2008). Este não assume a ideia de fim da modernidade e se dedica a um o ceticismo em relação a certas formas de modernização e que o caracterizaria as sociedades ocidentais contemporâneas é uma “modernidade múltipla”.

Isto posto, é preciso reconhecer os limites deste trabalho e, portanto, deixar claro sobre qual destas três interpretações acerca da pós modernidade este se projetará. O objeto se

tencionará sobre autores que entendem que há como rompimento total com os quadros referenciais da modernidade. Esta perspectiva interpreta que a sociedade contemporânea (pós moderna) e as suas implicações, práticas, cognitivas, interpretativas, entre outras, são caracterizadas pela efemeridade, pelo fragmentado, pelo caótico, pela pluralidade dissonante, pelo fim da visão dialética e que tudo que foi produzido pela chamada modernidade entrou em decadência e falência. A princípio, serão analisados alguns pontos de como esta argumentação que tem o caos como elemento central é constituída por tais autores e depois serão feitas considerações e problematizações epistemológicas acerca desta propositura.

CONTEXTUALIZANDO O OBJETO

Os cientistas sociais, assim como pesquisadores de outras áreas da ciência do século passado e, sobretudo das últimas 5 ou 6 décadas, tiveram que se defrontar com um contexto social onde inúmeros acontecimentos significativos e emblemáticos vieram à tona: guerras, globalização, guerra fria, a divisão da Alemanha, a rápida evolução tecnológica, dezenas de acordos internacionais, a mundialização do capitalismo, surgimento de movimentos sociais de vários tipos, o fim do socialismo soviético, a inserção de países periféricos em organizações multilaterais, a chegada do homem à lua, ampliação de meios de comunicação, a exacerbação do consumo, a consolidação de ferramentas virtuais, filmes estrelados por tartarugas ninjas mutantes, dentre muitos outros.

Frente a tantos acontecimentos aparentemente dissonantes, segundo alguns pensadores pós-modernos que serão mencionados posteriormente, já não seria possível analisar os fenômenos sociais a partir de uma dialética entre o geral e particular e através de nexos causais entre tais categorias, pois, em suma, o suposto caos do mundo contemporâneo não pode ser compreendido pela razão e pelos referenciais metanarrativos e dialéticos característicos da modernidade (SHINN, 2006).

(...) as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. (...) vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de

culturas ou interpretações desunificadas gerando certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e à coerência de identidades (EAGLETON, 1996, p.7).

Pós-modernos radicais, de modo geral, pretendem que não há explicação, mas, sim, uma infinidade de explicações desarmônicas incapazes de serem compreendidas por pressupostos como totalidade enquanto síntese de particulares ou de todo estruturado. O micro, o particular, a fração, as infinitudes de verdades, tudo isso seria permeado, segundo os autores que mencionaremos a seguir, não por uma relação dialética e, sim, por um convívio de fragmentos permeados e analisados sob o espectro da categoria de caos.

O USO DA CATEGORIA CAOS

Embora o movimento pós-moderno seja, costumeiramente, localizado entre o fim da década de 60 e início da 70 do século XX, o processo que culminou na sua forma mais acabada tem raízes que foram ganhando forma a partir de movimentos científicos do início do século XX, sobretudo os que surgiram da Física e da Matemática que passaram a abandonar o princípio de causalidade e de determinismo dos fenômenos físicos microscópicos, recusando, desse modo, a crença anterior de que fosse possível apreender a causalidade dos eventos desta natureza. Esta guinada na perspectiva epistemológica da Física e Matemática, aos poucos foi sendo utilizada como referência por parte de pesquisadores das ciências sociais como forma de romper com os princípios modernos de causalidade, dialética, lógica e racionalidade na Sociologia e, deste modo, transpondo o princípio caótico para os fenômenos de caráter social. A seguir, veremos alguns pontos que evidenciam tal processo.

A TRANSPORTAÇÃO DO PSICOLÓGICO PARA O SOCIOLÓGICO

A linha de raciocínio mencionada acima e que se apoia no princípio de caos se utiliza das intempéries psicológicas dos indivíduos como referencial para interpretação do que entendem como sociedade pós moderna. De que modo? Cada indivíduo, em sua experiência pessoal, desenvolve uma estrutura e desencadeamentos psicológicos que lhe são específi-

cos. Embora todos os indivíduos dentro de um terreno social respondam a e reproduzam determinados elementos que são estabelecidos pelo contexto social onde estão inseridos, cada um carrega algo que o individuala.

Quanto a esta ação de atribuir ao social ou reduzi-lo àquilo que é característico do individual, é emblemático, por exemplo, a fala de Scott (1997) de que a autointerpretação, o automonitoramento e a autolegislação vividas atualmente acabam por colocar em cheque as antigas formas de representações e interações sociais, o que, portanto, compromete todo o arcabouço basilar das teorias da modernidade. A fala é emblemática por carregar o termo "auto" antes dos substantivos como se o referencial da individualidade fosse a chave para a compreensão do social. Não se trata de um mero jogo semiótico condensado através de palavras, afinal, isto tem implicações teóricas substanciais. Se o "auto" passa a ser o elemento central da constituição do ser social e das relações sociais, a lógica de ação sobre o mundo é atribuída através da máxima individualista e que interpela os indivíduos por meio do pressuposto de "que o mundo muda a partir da sua mudança". Duas implicações aqui: a superestimação do psicológico e a subestimação do social.

Ao fazer esta manobra de reduzir a interpretação de mundo por meio do elemento psicológico individualizado, a construção da reflexão sobre o social fica refém das intempéries psicológicas apresentadas no âmbito da individualidade. O social é reduzido a um psicologismo, a um emaranhado de indivíduos que convivem num mesmo espaço onde cada um, em tese, pode interpretar os objetos que o circundam a sua maneira, o que leva ao relativismo cognitivo e epistemológico. Além disso, os indivíduos seriam estimulados a objetivar-se sobre os objetos de acordo com seus desejos, pois, se não há sentido, o sentido é apropriar-se do mundo através da forma com que cada um desejar como se todos pudessem inventar o seu próprio mundo.

Restaria, então, entregar-se aos desejos e as emoções frente aos caos, pois, segundo Maffesoli (Idem), é com ele que o homem pós-moderno terá de conviver. Restaria, frente a tal circunstância fatalista, projetar as energias a isto:

O jogo das paixões, a importância das emoções, a pregnância dos so-

nhos como cimento coletivo. É isso a orgia dionisíaca. É melhor, em seu sentido pleno, acomodar-se ao que existe. (...) Ajustar-se ao espírito do tempo para fazer com que ele renda o máximo que puder. (MAFFESOLI, 2010, p. 92).

Maffesoli transita entre o psicológico e o social sem as mediações teóricas. Faz isso sem uma sustentação rigorosa como se os esquemas teóricos para a compreensão de ambos tivessem a mesma correspondência causal. Além disso, sobrevaloriza o psicológico em detrimento do social e subordina este àquele. Isto é interessante para o que ele propõe, afinal, se o fragmento e caos são a referência, o psicológico, por ser mais vulnerável que estruturas sociais e menos previsível, é tido como base da sustentação da ideia de caos e de mundo fragmentado. Como pode ser observado na citação anterior, Maffesoli usa termos como “jogo de paixões” e “emoções” dos indivíduos isolados como instrumento argumentativo para tentar fundamentar seus pressupostos. Sobre este aspecto o mundo pós-moderno seria explicado como resultado da convivência de vários indivíduos vivendo para satisfazer as suas “orgias dionisíacas” (Idem, 2010).

Por pertencerem a configurações e a fundamentações diferentes, as intempéries psicológicas não podem ser tomadas como referência para o social. Sobre esta confusão, a ideia de caos parece fazer sentido, já que a vulnerabilidade do sujeito é tida como o mote para a explicação do social. No entanto, é preciso questionar: é razoável reduzir os elementos causais do que é de caráter social a elementos psicológicos? Eis a primeira estratégia explicativa que tenta fundamentar o caos como elemento central do mundo contemporâneo.

A TRANSPOSIÇÃO DE ELEMENTOS DA FÍSICA DA NATUREZA PARA O SOCIAL

Além de apoiar a ideia de caos social a partir do pressuposto das diferenciações psicológicas para buscar uma nova fundamentação para a explicação do social, é possível encontrar alguns pós-modernos, a exemplo de Egard Morin, Lyotard e Jair Ferreira dos Santos, que tomam como referência esquemas teóricos da física e da matemática e as transporta para teorias sociais como tentativa de legitimar retoricamente o seu ponto de vista acerca da sociedade do caos. Segue um trecho

do livro de Sokal e Brickmont sobre este ponto:

Encontra-se, com frequência, nos discursos pós modernistas a ideia segundo a qual desenvolvimentos científicos mais ou menos recentes não só modificaram nossa visão sobre o mundo, mas também produziram profundas mudanças filosóficas e epistemológicas – em suma, que a verdadeira natureza da ciência mudou. Os exemplos mais citados constantemente em apoio a estas teses são a mecânica quântica, o teorema de Gödel¹ e a teoria do caos. Entretanto, pode-se também encontrar a flecha do tempo, a auto-organização, a geometria fractal, o bigbang e diversas outras teorias (SOKAL; BRICMONT, 2006, p. 135).

Em um determinado trecho, Morin, ao mencionar a especificidade da ideia de caos com a qual ele trabalha, afirma o seguinte:

Ora, a palavra “caos” tal como a concebemos nesse trabalho (...), tem um sentido muito mais rico, energético, de indistinção e de confusão entre poder criativo e poder destrutivo, e esse caos leva consigo a potencialidade genésica. (MORIN, 2000, p. 104).

Quanto a esta argumentação usada por Morin, Valde-
marin Coelho Gomes e Susana Jimenez (2009), sublinham que aquele não explica o que é este “sentido energético”, além de passar do âmbito natural para o social sem as devidas mediações utilizando-se de sobreposição e de alegoria intelectual para tecer sua conclusão.

Terry Shinn afirma que um dos marcos da transição entre as categorias da modernidade para a da pós modernidade foi traçada já na década de 1920. Neste contexto, cientistas da Alemanha passaram a abandonar a interpretação determinista e causal dos comportamentos dos fenômenos da física microscópica. A partir disto, passaram a renunciar a crença de que seria

¹O Teorema de Gödel se expressa através de dois teoremas básicos que, resumidamente fundamentam as seguintes afirmações: Teorema 1: Qualquer teoria axiomática recursivamente enumerável e capaz de expressar algumas verdades básicas de aritmética não pode ser, ao mesmo tempo, completa e consistente. Ou seja, sempre há em uma teoria consistente, proposições verdadeiras que não podem ser demonstradas nem negadas. Teorema 2: Uma teoria, recursivamente enumerável e capaz de expressar verdades básicas da aritmética e alguns enunciados da teoria da prova, pode provar sua própria consistência se, e somente se, for inconsistente.

possível apreender a causa dos fenômenos pois, segundo tais cientistas, “na medida em que os fenômenos atômicos podiam ser descritos, as forças subjacentes eram não-causais. Esse movimento em direção à não causalidade e de afastamento em relação ao determinismo anterior estava igualmente presente na matemática intuicionista” (SHINN, 2008, p. 49). Esta tendência da física foi exportada para questões das ciências sociais e para sua respectiva orientação epistemológica. Disto fica uma questão: como é possível afirmar categoricamente que o *modus operandi* da física é o mesmo dos fenômenos sociais? Não há apresentação de uma mediação. Existem apenas elucubrações sem base sólida.

Seguindo a mesma estratégia, Jair Ferreira dos Santos associa o conceito de Entropia ao mundo pós-moderno de modo a tentar sustentar a ideia de caos e falência da razão:

Entropia significa a perda crescente de energia pelo Universo (um sistema isolado, pois além só há o nada e ele não tem, assim, como receber energia de fora), até sua desagregação no caos, na máxima desordem. Essa ideia migrou da física e foi pousar na sociologia. Nas sociedades atuais, tudo parece rolar para a confusão, sem valores sólidos, sem ordem que segure a barra (SANTOS, 1987, p. 59).

Além de Morin e de Jair Santos, Lyotard, também recorre à geometria fractal² e à teoria das catástrofes³ para fundamentar seus pressupostos filosóficos acerca do que ele chama de paradigmas pós-modernos para reforçar a ideia de caos e mundo fragmentado:

Ao interessar-se pelos indecidíveis, pelos limites da precisão do controle, pelos quanta, pelos conflitos com informação não-completa, pelos fracta, pelas catástrofes, pelos paradoxos pragmáticos, a ciência pós-moderna constrói a teoria da sua própria evolução como descontínua, catastrófica,

² A Geometria Fractal é o ramo da matemática que estuda as propriedades e comportamento dos fractais. Descreve muitas situações que não podem ser explicadas facilmente pela geometria clássica, e foram aplicadas em ciência, tecnologia e arte gerada por computador. As raízes conceituais dos fractais remontam s tentativas de medir o tamanho de objetos para os quais as definições tradicionais baseadas na geometria euclidiana falham.

³ Muito resumidamente, Teoria da Catástrofe pode ser entendida como uma teoria matemática que explica como pequenas mudanças incrementais no valor de uma variável em um sistema natural pode causar grandes mudanças bruscas no sistema global.

não rectificável, paradoxal. Ela altera o sentido da palavra conhecimento e diz como pode ocorrer essa mudança. Ela produz, não o conhecido, mas o desconhecido. E sugere um modelo de legitimação que não é de modo nenhum o da melhor performance, mas o da diferença compreendida como paralogia. (LYOTARD, 2003, p. 119).

O fundamento utilizado para argumentar a favor do irracional e caótico na sociedade contemporânea é estabelecido por um viés metodológico, a rigor, gelatinoso, pois, mais uma vez, traça um paralelo entre as ciências da natureza e as ciências sociais como se tudo o que há em ambas as áreas fosse estabelecido através dos mesmos princípios. Dentro de cada uma dessas áreas da ciência existe uma enorme quantidade de objetos com caracteres específicos. Portanto, fazer essa associação de forma puramente abstrata e sem esclarecimentos teóricos e empíricos resulta em confusão científica.

Além disso, dentro da física e de outras ciências naturais, o elemento caótico e irracional não tem caráter exclusivo. Nela existe uma série de teorias que são estabelecidas através de elementos racionais não estabelecidas pelo princípio do caos. No entanto, os autores pós-modernos que se apropriam das teorias mencionadas anteriormente passam por cima deste dado como se tudo nas ciências naturais não pudesse ser calculado por conta do princípio caótico revelando uma espécie de seletividade teórica.

É preciso deixar claro que não se pode negar a importância de uma possível comunicação entre diferentes áreas do conhecimento. Porém, colocar este diálogo em prática requer um processo mediativo cuidadoso e substantivo. Do contrário, a transposição pode gerar uma arbitrariedade intelectual vazia permeada apenas por fins retóricos.

A SOBREALORIZAÇÃO E A CENTRALIDADE DO SÍMBÓLICO

Este aspecto será mais alongado que os anteriores por se tratar de um dos elementos em que o discurso pós-moderno mais se projeta: a questão da suposta centralidade do simbólico e das linguagens como tentativa de reforçar a ideia de caos e o fim de teorias amplificadas.

Sobre o que se propõe tratar este ponto, pode-se mencionar como fundo argumentativo pós-moderno sobre a ideia

de caos e descontinuidade uma outra estratégia que é contemplada por Jair Ferreira dos Santos (1987): a quantidade excepcional dos elementos imagéticos enquanto referencial social e explicativo do mundo contemporâneo. De que maneira? Argumentando que os indivíduos na sociedade pós moderna estabelecem uma relação com o mundo através do contato que têm com os elementos simbólicos e com os signos e que pousaria aí o elemento fundante da pós modernidade. Estes signos, por sua vez, se apresentariam sob a forma de uma avalanche retalhada, descontinuada e sem nexos. A materialidade do mundo se torna um objeto secundário e é caracterizada como epifenômeno da linguagem. Quanto a isso, Jair Santos é emblemático ao afirmar que:

(...) assistimos na sociedade pós-industrial à desmaterialização da economia. O mundo se pulveriza em signos, o planeta é uma rede pensante, enquanto o sujeito fica um nó de células nervosas a processar mensagens fragmentárias. Eis por que falamos há pouco em desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito. O que foi processado em bit (real) é difundido em blip - pontos, retalhos, fragmentos de informações (para o sujeito). O indivíduo na condição pós-moderna é um sujeito blip, alguém submetido a um bombardeio maciço e aleatório de informações parcelares, que nunca formam um todo, e com importantes efeitos culturais, sociais e políticos. Pois a vida no ambiente pós-moderno é um show constante de estímulos desconexos onde as vedetes são o design, a moda, a publicidade, os meios de comunicação (SANTOS, 1987, p. 27).

O modo como a linguagem e os símbolos são interpretados por Jair Santos, torna-os, ao mesmo tempo auto explicativos e supra explicativos. Auto explicativos porque são explicados por si mesmos (sem a devida contextualização), de forma imediata e fragmentada. Supra explicativos porque, por meio de tais elementos simbólicos tomados sob contornos fragmentados e caóticos, o argumento utilizado por Jair Santos tem a pretensão de explicar, a partir disto, o espírito da pós modernidade. Contudo, a mera descrição imediata destes elementos carrega em si o engodo do método empregado por Santos: a superestimação e a autoexplicação semiótica por meio da descontextualização dos símbolos em relação à estrutura social pensada em sua totalidade. Santos, seguindo o raciocínio pós-moderno com o qual o conceito de caos é to-

mado, ignora o seguinte: o design, a moda, a publicidade e os meios de comunicação são elementos sociais que estão subsumidos a um modo de produção e sua correspondente oxigenação societal. É admissível que estes criam símbolos, novos conceitos de apresentação, novos rótulos, novas estratégias, novas estéticas e novas formas de sedução. No entanto, não criam do nada sem um objetivo ligado a uma lógica material. O design, a moda, a publicidade e os meios de comunicação servem à potencialização, à hegemonização, à manutenção, à operação e à reprodução do consumo que é determinado pela estrutura social capitalista.

Jair Santos, ao tentar argumentar sobre os pressupostos mencionados, se utiliza da seguinte exemplo:

Compra-se um Monza não tanto por suas qualidades técnicas, mas por seu design, seu nome nobre, seus signos na publicidade, que compõem uma imagem de status e bom gosto europeizados. Compra-se um discurso sobre o Monza (SANTOS, 1987, p.15).

Novamente do ponto de vista descritivo e imediato o argumento parece fazer sentido. Porém, a publicidade cria o conceito para fins materiais. O objetivo último é vender um carro, um produto produzido por meio de um modo de produção e por uma empresa privada que precisa lidar com a concorrência e que, por isso, cria suas estratégias publicitárias. O conceito é criado para vender o produto produzido a partir de relações econômicas estabelecidas sobre um determinado modo de produção e uma estrutura social correspondente. Portanto, a máxima da desmaterialização da economia é categoricamente falsa. Embora o desejo consumista seja passível de passar pelo apelo ideológico e imagético que a publicidade apresenta, o fundamento último de uma economia é material. As prateleiras são ocupadas por produtos e não por conceitos abstratos, embora possam vir acompanhados por estes em slogans e por estratégias que apelam para mecanismos de prazer e para referenciais egóicos individualistas. A aparência é tomada como a essência.

Confundir o aumento exponencial em termos qualitativos e quantitativos de novos elementos simbólicos com sua autonomização e supra determinação deste torna-se arbitrariedade ao se ignorar o terreno social e material sobre o qual

se assentam. Essa relação estabelece-se por consonância e não por dissonância, pelo dialético e não pelo imediatismo. Isso não significa que o conceito, o símbolo não tenham importância e implicâncias materiais e ideológicas significativas e sobre-determinantes (ALTHUSSER, 1986). Pelo contrário: constituem um objeto fundamental da sociologia e de outras ciências sociais.

Além de Jair Santos (1987), Baudrillard também localiza o simbólico como elemento fundante da sociedade pós moderna. Seu argumento se baseia num raciocínio que submete a lógica do funcionamento das estruturas das linguagens e códigos ao funcionamento de princípios biológicos como a genética:

Assim como a linguagem contém códigos ou modelos que estruturam o modo como nos comunicamos – e nossas células contém códigos genéticos, DNA, que estruturam nossa experiência e nosso comportamento –, assim também a sociedade contém códigos e modelos de organização social e de controle que estruturam o ambiente e a vida humana. Ou seja, modelos urbanos, arquitetônicos e de transporte estruturam, dentro de certos limites, como as cidades, casas e sistemas de transporte são organizados e usados. Dentro de ‘casamodelo’, códigos de design, decoração e gosto, livros de cuidados com crianças, manuais sexuais, livros de culinária e revistas, jornais e media de broadcast, todos fornecem modelos que estruturam várias atividades na vida quotidiana. Modelos e códigos, assim, passam a estruturar a vida quotidiana e a modulação dos códigos passa a constituir um sistema de diferenças e relações em uma sociedade de simulações (BAUDRILLARD, 1983, p. 243).

A questão da estrutura do cognoscente e as implicações semióticas apresentem uma via interessante para uma reflexão dos acontecimentos sociais. Contudo, atribuir a tais elementos a centralidade de sobre a qual a sociedade supostamente se assentaria, em última instância, é superestimar em demasia o processo simbólico, além do risco de tratá-lo de modo abstrato desvinculado da sua raiz social, o que, a rigor, acaba se esvain-do num idealismo projetado em razões pluralizadas por meio de caos imagéticos supostamente sem nexos.

A CRÍTICA DIALÉTICA SOBRE CATEGORIA DO CAOS E SUAS IMPLICAÇÕES IDEOPOLÍTICAS

Antes de prosseguir-se mais detidamente em relação às questões de fundo ideopolítico, será feita uma consideração acerca do método empregado pelos pós-modernos que fazem confusão entre o caos e complexo.

A concepção pós moderna interpreta o todo social como resultado do convívio de micro estruturas que coexistem de modo fragmentado, desarticulado e emaranhados e que, por consequência. O pensamento alimentado sobretudo pela direita pós moderna afirma que a dialética é um método interpretativo ultrapassado, assim como as teorias histórico-sociais criadas durante a modernidade. Não há crise, tese, antítese. Os acontecimentos históricos seriam apenas um conjunto de eventos que foram sendo substituídos por outros sem que houvesse umnexo entre o novo e o velho, entre o posto e o devir. Assim sendo, a passado, o presente e o futuro se apresentam como elementos difusos, separados, incomunicáveis:

O gozo não mais é remetido a hipotéticos e 'róseos amanhã's, não mais é esperado num paraíso futuro, e sim vivido, seja lá como for, no presente. Nesse sentido, o presente pós-moderno liga-se à filosofia do 'Kairos', que enfatiza as ocasiões e as boas oportunidades, posto que a vida, de certo modo, não passa de uma sucessão de instantes eternos que convém viver aqui e agora, da melhor maneira possível (MAFFESOLI, 2004, p. 28).

Embora a lógica que permeia o pensamento pós-moderno em questão não encare a dialética como um critério metodológico confiável, ela mesma não foge daquilo que combate: o pensamento pós-moderno só foi possível de ser posto à tona dentro de um contexto histórico com as crises específicas deste contexto. Todo pensamento é fruto de contexto e só pode ser compreendido entendendo-se as preocupações (ou falta de preocupações) e o terreno social no qual ele se assenta e das correlações de forças sociais que se embatem e que estimulam novos debates e formas de pensamento. O pensamento pós-moderno não é uma coincidência que surge a partir do caos na segunda metade do século XX, não é um evento aleatório e desconexo, assim como nenhum pensamento na história mundial foi um alienígena epistemológico que pairou

espontaneamente sobre seu contexto histórico social, mesmo que os pós-modernos mencionados neste trabalho insistam que todos os contextos são imprecisos e permeáveis (EAGLETON, 1996). Isto posto, um dos pontos teóricos defendidos aqui é a inevitabilidade da dialética entre o contexto histórico (material e imaterial) e o pensamento existente em qualquer época da humanidade. Mesmo aquilo que os pós-modernos afirmam ser “a pós modernidade” e seus desdobramentos são fruto de um processo histórico que só pode ser analisado através de sua relação com vários elementos determinantes. Ou seja, o objeto “pós modernidade” em si é fruto de nexos causais constituídos dialiticamente dentro de um contexto histórico. Como, então, negar a razão e processos de análises racionais de caráter ampliado? Obviamente que se deve sempre duvidar daquilo que pretende ser entendido como verdade. No entanto, não se pode descartar os processos racionais simplesmente porque os indivíduos isolados apresentam intempéries psicológicas, porque a física desenvolveu teorias pautadas no caos ou porque houve uma mudança quantitativa e qualitativa em relação aos elementos imagéticos e por conta dos atuais encaminhamentos históricos trouxeram uma série de complexidades.

Esclarecida a crítica metodológica, a partir daqui o trabalho se concentrará sobre as implicações ideopolíticas desta perspectiva.

Antes de prosseguir, serão mencionados os significados que geralmente estão atribuídos ao conceito de caos e ao conceito de complexo. Quanto ao significado de caos, este geralmente é atribuído à confusão dos elementos antes da criação do universo, confusão, desordem, perturbação e desarranjo. Já à ideia de complexo geralmente está atribuída ao significado de algo que abarca e compreende vários elementos e/ou aspectos distintos cujas múltiplas formas possuem relações de interdependência; muitas vezes de difícil compreensão. Deste modo, as duas palavras tem implicações claramente distintas e, portanto, não podem ser colocadas dentro de um mesmo princípio argumentativo sem considerar tais diferenças substanciais. O complexo implica umnexo causal, mesmo que suas dimensões aparentes apresentem-se de modo complicado à compreensão do sujeito. Caos implica numa quantidade de elementos ou situações que coexistem de forma desconexa e

desordenada.

Há uma superestimação do que se entende com caos social, como se a sociedade pós moderna funcionasse sobre micros terrenos sociais que se movimentam sobre sua própria órbita e que só podem ser compreendidos se analisados na sua especificidade. Esta perspectiva parece ser vulnerável quando colocamos em conta que as relações sociais que permeiam o modo de produção capitalista são estabelecidas sobre uma série de regulamentações sociais que apresentam uma operacionalização que só é possível com a convergência de uma série de elementos políticos, jurídicos, teóricos, coercitivos e ideológicos em prol da manutenção de uma lógica social dominante que permita a produção, a manutenção e a reprodução.

Ainda quanto à ideia de todo social, é possível reforçar uma lógica sistêmica por meio do seguinte pressuposto: o modo de produção capitalista e toda sua estrutura societal basilar foi mundializada tornando-se dominante em diferentes formações sociais. Para ser mantido em funcionamento, são estabelecidos acordos entre os grandes setores da burguesia mundial (embora determinados setores tenham interesses distintos e entram em atrito por conta disso). Sistemas políticos centrais se submetem ao domínio macroeconômico que segue interesses de setores da classe dominante, sistemas educacionais foram sendo moldados a partir de uma lógica produtiva que privilegia o fortalecimento do ensino técnico e da sobrevalorização das áreas de interesse de diversos setores privados, sistemas jurídicos asseguraram a manutenção do direito burguês, sistemas repressivos funcionam para coibir manifestações sociais de enfrentamento. Isso pode ser tratado como eventos pautados em coincidências caóticas? A princípio, parece implausível.

Quanto ao que foi exposto acima, é de se notar que, para que sejam construídas tentativas de estabilidade sistêmica, sobretudo em um sistema social em que há crises constantes que se mantém através de "equilíbrios instáveis" (GRAMSCI, 2002), é construída uma hegemonia que sustente o assentamento e a reprodução de uma forma social dominante determinada, dentre outros elementos, pela correlação de forças sociais de um determinado contexto histórico, político e social e suas correspondentes estrutura e superestrutura (GRAMSCI, 1978). Para que o modo de produção capitalista e suas respectivas

relações de produção possam operar do modo como hoje operam, vários elementos sociais foram sendo concentrados em torno de uma lógica organizada por nexos. Caos, portanto, apresenta-se como uma categoria teórica inconsistente. Outro dado que reforça esta ideia é o seguinte: a mundialização de modelos produtivos padronizados implicam uma ordenação organizada em termos operacionais em escala mundial. Todos os dias bilhões de indivíduos são submetidos aos seus pressupostos fundamentais por meio de rotinas. É plausível que existem elementos de caráter social que não podem ser explicados somente através da categoria de classes sociais ou pela categoria capitalismo. No entanto, isso não anula o fato de os pressupostos societais sobre os quais se sustentam as sociedades capitalistas seja um elemento que perpassa todo o contexto social em quase todo o mundo e, desse modo, é, por consequência, elemento determinante de um todo social, por isso, central.

Isto evidencia que existe uma série de elementos bem articulados que funcionam sobre uma ação catalisadora em torno de uma estrutura social. Sua complexificação, portanto, não pode ser encarada como caótica. Contudo, a teoria pós-moderna radical foi bem aceita porque é consonante com a estabilidade do que está posto, visto que se, segundo seus pressupostos, vivemos sobre o caos, sobre o fragmentário, o efêmero, o fluido, isto leva a crer que não é viável pensar um processo de mudança que se baseie num processo que envolva um todo social, já que, supostamente, não existe elemento social centralizador, mas fragmentos. Se a ideia de caos impera, ganha a força a ação do cada um por si, do individualismo, pois uma perspectiva que se projete sobre o futuro dá lugar à perspectiva imediata, dos interesses individuais imediatos. As grandes lutas deram lugar a pequenas lutas que só tem alcance local, limitado e não estrutural. Isso implica a manutenção das bases estruturais e superestruturais da lógica social dominante.

Ademais, esse vetor do pensamento pós-moderno, ao afirmar que os pressupostos da gênese do pensamento encontrados na modernidade já não mais dão conta de pensar a sociedade contemporânea caracterizada pelo caótico e fragmentado, mais uma vez sustentam a suposição de que a razão base do pensamento moderno já não faz mais sentido. Também,

supostamente, não há mais nexos entre passado, presente e futuro, já que a história seria resultado de eventos descontínuos e desconexos. A consequência deste raciocínio leva a seguinte conclusão entre a ala mais radical dos pós-modernos: o fim da história. A partir de qual pressuposto? A partir do pressuposto que a sociedade burguesa contemporânea apresentou-se como a condição posta sobre as quais os indivíduos serão obrigados a se adaptar, pois as alternativas de configurações sociais organizadas pela razão prometidas pela modernidade se mostraram uma utopia, uma armadilha da razão. Restaria, então, aceitar o que está posto. Um dos pontos emblemáticos, então, torna-se a superestimação do presente enquanto único objeto com os quais os indivíduos devem se haver. O futuro não é mais objeto de discussão. Desse modo, restaria viver entre sucessões de instantes isolados e sem rumo. Quanto a isso, David Harvey faz uma interessante intervenção ao apresentar as consequências do raciocínio pautado pelos pressupostos do efêmero, fragmentado e descontínuo:

Mas, se como insistem os pós-modernistas, não podemos aspirar a nenhuma representação unificada do mundo, nem retratá-la com uma totalidade cheia de conexões e diferenciações, em vez de fragmentos em perpétua mudança, como poderíamos aspirar a agir coerentemente diante do mundo? A resposta pós-moderna simples é de que, como a representação e ação coerentes são repressivas ou ilusórias (e, portanto, fadadas a ser autodissolventes e autoderrotantes), sequer deveríamos tentar nos engajar em algum projeto global (HARVEY, 1994, p.55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso deixar claro que a interpretação pós-moderna mencionada pelos autores citados neste trabalho sobre o mundo contemporâneo e a crítica à modernidade apresentam uma perspectiva mais específica dentro do cariz chamado pensamento pós-moderno radical. Existe outra vertente significativa dentro do chamado pensamento pós-moderno que acredita que é possível construir tarefas emancipatórias. No entanto, afirmam que é preciso procurar pressupostos diferentes daqueles encontrados na modernidade. Dentre seus principais representantes está Boaventura de Sousa Santos com destaque para sua obra organizada pela coleção "Rein-

ventar a emancipação social: para novos manifestos” composta por sete volumes⁴. No entanto, mesmo dentro da chamada esquerda da pós modernidade que ainda mantém um viés de ação por meio de organização política, a chamada razão moderna estaria totalmente falida e, por isso, já não faz sentido que ela seja utilizada com referência pela sociedade contemporânea. Ainda, a alternativa encontrada dentro da esquerda pós moderna, baseia-se nas possibilidades existentes dentro da democracia burguesa. Não há uma alternativa à própria estrutura social posta, visto que, segundo tal perspectiva, o que resta dentro das atuais circunstâncias é mudar pontos específicos e não a estrutura social como um todo, afinal, negam a existência de uma estrutura. O ativismo pontual seria os limites da ação política junto com a manutenção das bases da sociedade burguesa. Esta postura pode ser caracterizada como uma política de aparar arestas. Resta, então, aceitar o suposto caos?

A tarefa de compreender a história através de seus nexos causais e, a partir deles, construir lutas que se projetem sobre outras possibilidades sobre o mundo contemporâneo é uma missão árdua e complexa. Mas se não forem feitas, cairemos num fatalismo que, a rigor, serve aos interesses de quem se beneficia das desigualdades e da falência do coletivo. É preciso trocar o suposto ponto final da história pelas reticências e, para tanto, é preciso colocar interrogações sobre a tese do fim da história.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Pour Marx. Paris: Edicions La Découverte, 1986.

BAUDRILLARD, J. Simulations. New York: Semiotext(e), 1983a.

BOURDIEU, P. Le champ scientifique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 2/3, jun. 1976.

EAGLETON, T. As ilusões do pós modernismo. Rio de Ja-

1) Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa; 2) Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista; 3) Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural; 4) Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais; 5) Trabalhar o mundo: os caminhos do novo internacionalismo operário; 6) As Vozes do Mundo; 7) Reinventar a emancipação social. Boaventura de Sousa Santos (Org.). Porto: Afrontamento, 2004.

neiro: Zahar, 1998.

GOMES, V; JIMENEZ, S. Pensamento complexo e concepção de ciência na pós modernidade: aproximações críticas às "imposturas" de Edgar Morin. In: Revista Eletrônica Arma da Crítica, ano 1, n.º 1, Janeiro de 2009.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere: Maquiavel, notas sobre o Estado e a Política. Volume III. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

GRAMSCI, A. Maquiavel, a política e o Estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1994.

LEE, R. In search of second modernity: reinterpreting reflexive modernization in the context of multiple modernities. Social Science Information, n.º 47, 2008.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, J. A Condição Pós-moderna. Lisboa: Gradiva, 2003. MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MAFFESOLI, M. Saturação. São Paulo: Iluminuras, 2010.

MAFFESOLI, M. Notas sobre a Pós-Modernidade: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.

SANTOS. J. F.O que é pós-moderno. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCOTT, A. Modernity's machine metaphor. In: British Journal of Sociology. Number 48, 1997.

SHINN, T. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. Revista Scientae Studia. São Paulo, v. 6, n. 1, 2008.

SOKAL, A; BRICMONT, J. Imposturas intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos. Rio de Janeiro: Record, 2006.